

OPINIÃO

Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais

Editores da Coluna Opinião

(série)

23-08-2024

FUNDADORES
DO PAÍS

BRASILEIROS

Ana Néri

Nº 10

Após a destruição avassaladora do governo nefasto cujo "patriotismo" destruiu nossa cultura.....
.....leia mais no nº 1 da Série Brasileiros, publicado em 09/12/2022, para conhecer a motivação do seriado...



Ana Néri. Selo Mulheres Famosas do Brasil. 1967.

Nos oitocentos, às mulheres, além dos trabalhos domésticos e da costura, só era permitida a 'missão' de educar os filhos garantindo-lhes ascensão social. Ana Néri ressignifica sua 'missão' ao se dedicar a cuidar dos filhos enviados à Guerra do Paraguai (1864-1870) e, sem essa intenção, adquire consagração nacional, **MÃE DOS BRASILEIROS**, como passou a ser chamada pelos soldados. Ana Justina Ferreira, ao casar-se em 1838 com o português Isidoro Antônio Néri (1800-1844), capitão-de-fragata da marinha, passa a se chamar Ana Justina Ferreira Néri, mais conhecida como Ana Néri (e outras grafias, como Anna Nery). Filha de Luísa Maria das Virgens e José Ferreira de Jesus, nasceu em Cachoeira de Paraguaçu/BA em 13/12/1814 e morreu aos 65 anos no Rio de Janeiro em 20/05/1880. Educada para o lar e a criação de filhos, nos preceitos morais do catolicismo, precisou lidar com as frequentes, embora curtas, ausências do marido, cujo ofício o obrigava a navegar pelo território brasileiro, e a viuvez aos 29 anos. Casados por apenas seis anos, tiveram três filhos: Justiniano de Castro Rebêllo (1839); Isidoro Antônio Néri (1841); e Pedro Antônio Néri (1842). Assume sozinha a criação e educação dos filhos e mudam-se para Salvador para que continuassem os estudos ingressando na faculdade. Justiniano e Isidoro tornaram-se médicos e Pedro seguiu a carreira militar, sendo convocado à Guerra junto com o

irmão mais velho; Isidoro voluntariou-se como estudante de medicina; sendo também recrutados um irmão e um sobrinho. Em 1865, com 51 anos, consternada pela separação, Ana Néri oferece seus serviços nos hospitais do Rio Grande do Sul, amainando a tristeza materna ao cuidar dos "*deveres da humanidade para com aquelas que óra sacrificam suas vidas pela honra e brio nacionais e integridade do Império como voluntária à Pátria*" (Cardoso e Miranda, 1999, p.342). Aprendeu lições de enfermagem com as Irmãs da Caridade de São Vicente de

Paulo no RS e um estágio nos grandes hospitais de sangue em Salto/Argentina, onde eram socorridos e convalesciam os feridos mais graves. Cuidava de todos os feridos, independentemente de suas nacionalidades, e manteve em sua residência uma enfermaria. A Mãe dos Brasileiros enfrentou a dor maior de perder o filho Justiniano. Ainda assim, continuou no front e, ao fim da Guerra, retornou com seis órfãs. Nessa Guerra, também conhecida como da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e

Uruguai), o exército brasileiro exterminou mais de 3000 crianças paraguaias recrutadas à força pelo Paraguai. Na Campanha do Prata (em outras guerras também), as mulheres das quatro nações envolvidas tiveram papel destacado, dentre outros, no cuidado dos soldados, feridos, doentes e sãos, e na logística de preparo e distribuição de alimentos, lavagem de roupas, atividades de lazer, partilha de afeto e sexo. Algumas dessas mulheres vivenciaram atos patrióticos, mas há poucos registros, ou talvez haja documentos à espera de tenazes pesquisadores para complementarem a história da Mãe dos Brasileiros e dessas trabalhadoras anônimas... O Memorial da história da Enfermagem Brasileira, abrigado na casa onde viveu Ana Néri no Recôncavo Baiano (foto), pode ainda guardar inexplorado acervo. No regresso, Anna Nery recebeu diversas homenagens como um retrato a óleo de



Casa de Anna Nery. Memorial da Enfermagem Brasileira

Victor Meirelles, instalado (e onde permanece) em solenidade no Salão das Sessões do Paço Municipal de Salvador (1873). Adiante, acompanhando seu filho Pedro Néri, Capitão do Exército, muda-se para o Rio de Janeiro. Aos 65 anos, adoece gravemente e morre em poucos meses. Em sua lápide, no Cemitério São Francisco Xavier, consta: *Aqui descansam os restos mortais de Da. Ana Néri, denominada Mãe dos Brasileiros, pelo Exército, na campanha do Paraguai*. Sua dedicação, generosidade, afeto jamais seriam esquecidos. No Rio de Janeiro, em 1926, o governo instituiu a denominação de Ana Néri à Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, hoje vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro. O poemeto histórico, manuscrito de Rozendo Muniz Barreto (1876), em 22 páginas manuscritas, traduz em versos (p.10-12), a dor de bravos soldados a quem a Mãe dos Brasileiros, incansável, acudia e confortava:



*Restos vivos das batalhas / Quantos valentes soldados / Resistiam mutilados / À morte a estender mortalhas! / Por tão longas agonias /
Gastando noites e dias / Em sacrifício mister / Dos heróis à cabeceira / Velava egrégia enfermeira / Anjo em forma de mulher /
Quem era essa alma tão forte? / Quem era esse anjo de luto / De rosto plácido e enxuto / Contra os estragos da morte? /
Quem era? ... Quis arguí-la / Mas, por ve-la assim tranquila, só disse: /
“Prova maior não se vê da Providência / – a estátua da condolência – / guardando estátuas da dor.*

*Quando eu a tão justo espanto / Não sabia achar um termo / - D’ Anna!...” chamou-a enfermo / Cujá voz clamou meu pranto. /
Pressurosa ela acudiu-lhe / Ânias da vida extinguir-lhe / E as feridas lhe pensou / Depois, disse: - “Está me entregue... / Cumpra o que
ordeno... sossegue / Na esperança que lhe dou!” / E renovando confortos / Nos leitos que visitava / Essa heroína avivava /
Os prostrados semimortos. / E ao vê-la em torno dos doentes / Alegrando os descontentes / Como as aves da manhã /
Diziam da gloria obreiros / - Ela é a mãe dos Brasileiros, / Da caridade ela é irmã.*

*Segui o seu rastro / Para aprender-lhe a morada. / Via nela uma inspirada / A resplender mais que um astro. / Encontrei o lar ... quão
sereno / Recebeu-me!... Tão pequeno / A todos dava lugar! / Tinha por hóspedes – bravos – / Por enfermos tinha escravos /
D’essa enfermeira sem par. / E onde havia auxílio igual / Se ela fez, por duplo auxílio / - hospital – seu domicílio? /
Quedei-me tão comovido / Que senti não ser ferido / E assim meu prêmio colher / De mãos que melhor pagavam /
Do que louros que brotavam / Para a inveja os esconder.*

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.

